

039

PROSPERITY

de DAJKSEL

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

adaptação: H. Braga

LIVRE

TEATRO DO CLUBE DE CULTURA

PORTO ALEGRE

1969

SBAT
DIREITOS DE REPRESENTAÇÃO
VISTO Nº 257-816
PORTO ALEGRE, 10 / 4 / 69

PELA SBAT



PROSPERITY

de DAIKSEL

Mr. Conway
Mrs. Conway, s/mulher
Gloria, sua filha
Jonny, seu filho
Milton, companheiro de Jonny

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 335
Fone: 226.0242 - C. 11 25

- Mrs. Conway - Gloria!
- Gloria - Sim, mamãe.
- Mrs. Conway - Fizeste a cerveja e o vinho na geladeira?
- Gloria - Sim, mamãe.
- Mrs. Conway - Já está tudo pronto. Parece até que meu relógio está parado.
- Gloria - Calma, mamãe. Compreendo como te sentes. Calma. Vinte minutos mais e nosso querido Jonny estará entre nós.
- Mrs. Conway - Quase três anos na guerra. Três anos, menos um mês... Como escreveu pouco durante esse tempo! E que poucas notícias recebemos... Só pelos jornais tivemos conhecimento do que ele e os companheiros sofreram...
- Gloria - Por que falar de tudo o que passou? O importante é que breve ele estará entre nós. E o que representa a maior alegria, é que volta são e salvo.
- Mrs. Conway - Quem sabe se não está ferido?
- Gloria - Está ferido na mão e isso não significa nada de grave...
- Mrs. Conway - Por que estás tão certa disso?
- Gloria - Porque conheço meu irmão. Conheço sua maneira de escrever.. Eu compreenderia, se tivesse acontecido alguma coisa grave..
- Mrs. Conway - Quem será esse Milton Bauman, o amigo que vem com ele? Em uma carta ele disse que o amigo é de Nova York... Não soa bem essa cidade, nem a sua gente. A maioria lá, segundo me disseram, não são americanos autênticos.
- Gloria - Americanos autênticos! Mamãe, não gosto nada das palavras que tu e papai começaram a usar. Não são expressões americanas.
- Detesto essas expressões porque sei de onde vêm todas elas. Tudo isso veio com Mr. Brown à nossa casa, ao nosso povo. Com seus panfletos cheios de ódio e de mentiras. Uma vez encontrei os panfletos de Mr. Brown na mesa de papai. Um deles dizia que os judeus são traidores e devem ser corridos da América. Que mentira infame! A verdade é que por influência de Mr. Brown, papai cortou as relações com os Goldstein, que eram nossos melhores amigos.

LIVRE

E tudo só porque eles são judeus.

Tu, mamãe, conheces bem os judeus daqui. Conheces Mr. Goldstein desde que ele abriu seu modesto negócio, quando nosso povoado nem nome possuía. Por acaso valem menos que nós, cristãos? Acaso, Paulo Goldstein não foi voluntário para o exército, com o nosso Jonny?

Mrs. Conway - Espera um pouco. Estás muito nervosa. Quem te disse que..

Gloria - Desculpa, mamãe, mas deixa-me terminar. Quem é o vosso Mr. Brown? Veio, no ano passado, de Chicago. Alugou uma casa na rua principal e colocou na frente aquêl cartaz com letras amarelas: "União de americanos cristãos". Por que somente cristãos? E logo começou a visitar as casas cristãs, apregoando suas mentiras sobre os judeus e os estrangeiros. Quem o mantém? Quem lhe paga as calúnias que espalha? Quem paga sua luxuosa suite no Clarion Hotel? E seu carro? Quem? Quem?

Mrs. Conway - E tu sabes quem?

Gloria - Não é difícil imaginar que grupos o financiem...

Mrs. Conway - Deus meu, como podes falar tanto?

Gloria - Esqueces que passei três anos na Universidade e que lá se apreende muita coisa.

Mrs. Conway - Bem, chega. E peço que não repitas essas coisas perto de teu pai.

Gloria - Sinto muito, mamãe, mas não posso prometer nada...

Mrs. Conway - Gloria, eu te peço.

Gloria - Escuta mamãe, por que Mr. Brown não se incorpora, como voluntário, no exército? Ainda é bastante jovem, é forte e em tôda parte só fala de patriotismo...

Mrs. Conway - Basta, Gloria, basta.

Gloria - OK. Só sei uma coisa: êsse Mr. Brown não me cheira bem. Escuta: que vais fazer com o pedido de Jonny, de não convidar ninguém para hoje?

Mrs. Conway - Não convidei ninguém.

Gloria - Nada de convites especiais. Só os Goldstein. Jonny pediu isso na última carta.

Mrs. Conway - Já sei o que vou fazer. Teu pai não quer saber dos Goldstein e tudo tem que ser como êle quer. Pode ser que Jonny esqueça o que pediu.

Gloria - Duvido. Tem muito boa memória. Além disso é tão teimoso como o pai.

Mrs. Conway - E tu és tão má como teu pai. Além disso... (OUVE-SE O APITO DO TREM)



Gloria - Mamãe, mamãe, o trem já está saindo. Como nos distraímos!
Lá vem o carro do papai com os dois.
Mamãe, por favor, mantenha-se tranquila. Jonny já teve
muitos problemas. Não vamos criar outros...
(OUVE-SE A VOZ DE MR. CONWAY)

- Ai, boys, fora do carro! Já estamos em casa. Que estás
olhando Jonny? É a mesma casa. Somente reformada e am-
pliada. - Ali é a nova garagem. Tem lugar para três
carros. Aquela Lincoln novo é um presente para ti.
Comprei ontem.

(A VOZ DE JONNY)

- Obrigado, papai, obrigado.

(A VOZ DE MR. CONWAY)

- Olha, filho, agora vivemos em Prosperity. Espera, Milton,
eu te ajudo a sair do carro.

(A VOZ DE MILTON)

- Obrigado, Mr. Conway. Já consegui sair. O seu Buick é
bem mais comodo que os nossos jseps.

(ENTRAM)

Jonny - Mamãe, mamãe queirda!
Gloria - Jonny! Olá, Milton!
Milton - Olá! Adivinho que você é Gloria. Mas não estou certo.
Diga-me seu nome.
Gloria - Gloria. Sou a irmã de Jonny. Por que tanto emp/enho em
pretender que eu não seja?
Milton - Oh! não. Eu não tenho nada contra isso. Mas éle sempre
me falava numa irmã que era um diabinho, que subia pelas
árvores mais rapidamente do que éle, que assobiava também
melhor do que éle...
Jonny - Olá, Glô. Que? Estás tão interessada em meu amigo, que
nem me cumprimentas? Como estás alta! E que bonita!
Como se desenvolvem rápido as mulheres!
Mr. Conway - Três anos. Três longos anos já se passaram.
Gloria - Obrigada pelo cumprimentô, meu irmão. Nossa terra é
fértil e o sol cálido. Tive tempo livre suficiente, por
isso cresci e fiquei mais bonita... Você concorda com
a opinião de meu irmão?
Milton - Oh! Claro!... Diabinha...
Mr. Conway - Agora é um diabo grande...
Mrs. Conway - Você é um hospede muito querido, Milton, e espero que
sinta esta casa como sua.
Milton - Muito obrigado, senhora Conway.
Mr. Conway - Bem, bem, creio que é hora de tomarmos alguma coisa.

LIVRE



- Mrs. Conway - Fica tranquilo que está tudo preparado. Vou servir logo.
- Jonny - Que se diz em nossa terra? Que fazem os conhecidos?
- Mr. Conway - Oh, nosso povo ficou rico. Graças à guerra foram instaladas grandes fábricas de armamentos e muitos conhecidos nossos enriqueceram. - Vou te dizer vários nomes de alguns de nossos novos ricos.
- Jonny - Perdoe, papai, mas não é necessário.
Como vão os velhos Russo, pais de Tony?
- Mr. Conway - Estão bem. O velho, há tempo não trabalha com sapatos. Sua pequena oficina está hoje transformada em grande negócio. Amanhã irei contigo até lá.
- Mrs. Conway - E como vai o Tony? Onde está? Encontrei sua mãe, na semana passada. Chorou muito e me disse que Tony estava ferido, não sabia bem onde. E que, ultimamente, tinha deixado de escrever.
- Jonny - Falaremos depois sobre Tony.
- Mr. Conway - Ok. Amanhã, vou te mostrar nossa empresa, Jonny. Não vais reconhecê-la. Três vezes maior do que antes, dez empregados e... muita prosperidade.
- Milton - Vivemos em um mundo estranho, Mr. Conway, muito estranho.
- Jonny - Em um mundo louco, não estranho. Para dizer melhor: em um mundo criminoso.
- Mr. Conway - Não, boys. Essas definições não nos servem. Nosso mundo não é estranho, nem criminoso. É um mundo verdadeiro, como deve ser.
- Jonny - Não pai. Lamento, mas não posso estar de acordo.
- Mr. Conway - Não? Por que?
- Jonny - Porque aquilo que a ti e aos que se encontram em tua situação, aparece como normal, é inteiramente diferente aos nossos olhos.
Falo por mim e, sem dúvida alguma, por milhares de milhares de soldados como eu. É incrível e é terrível! Iansa um pouco. Enquanto milhões de jovens como nós, que somos parte de nosso povo, rolavamos no barro e no sangue dos campos de batalha de todo o mundo, lutando e morrendo por nossa Pátria, a outra metade de nosso povo, a metade que ficou protegida em suas casas, lucrava e enriquecia.
- Milton - Lucraram e enriqueceram com o nosso sofrimento, com nosso sangue. - É a esse horror que os senhores chamam com o nome sonoro de prosperidade.
- Jonny - É para enlouquecer, papai.
- Milton - Não somente enlouquecer. É também desesperador. Há uma classe de gente que procura a guerra, que empurra os povos ao massacre.



- Gloria - É certo. E essas pessoas acostumaram-se de tal forma a ganhar dinheiro assim, que depois desta, exigirão, e fabricarão até, outras guerras.
- Mr. Conway - Eu os compreendo, eu os compreendo. Mas é assim que marcha o nosso mundo. Nem todos podem combater. É preciso cuidar também da frente interna, Fazer armamentos. Assim os dólares se produzem facilmente. Quando gira o dinheiro, as comodidades são maiores e a vida é melhor...
- Jonny - A custa dos nossos ferimentos e do nosso sangue, no fundo das trincheiras.
- Mrs. Conway - Por favor, eu suplico, deixem de falar nessas cousas.
- Milton - Eu creio que para uma situação tão traidoramente anormal como essa, a solução seria que, em cada seis meses, as partes trocassem os seus postos.
- Mr. Conway - Isto quer dizer trocar a frente interna?
- Milton - Isto quer dizer que os soldados ocupem os postos de produção em suas terras e os fabricantes partam para combater. Com uma rotação desse tipo, desapareceria esse tipo de "prosperity" e também os amantes das guerras.
- Jonny - E desapareceriam as guerras.
- Gloria - Não é uma má idéia. - É uma grande idéia! A proposta devia ser encaminhada a todos os povos.
(TOCA O TELEFONE)
- Mrs. Conway - Lembra-te que hoje não recebemos ninguém.
- Mr. Conway - Se fôr Mr. Brown que venha imediatamente.
- Gloria - Alô! Sim... Quem fala?
- Mr. Conway - Com quem falas tão em segredo?
- Gloria - Não... a ninguém... é... é uma questão particular. Já termino.
- Mr. Conway - Algo não me agrada. Dá-me o fone.
- Gloria - Estou falando com os Goldstein. Perguntam se Jonny já chegou. Se traz noticias de Paul.
- Jonny - Que venham imediatamente!
- Mr. Conway - Não!
- Jonny - Como?! Em uma de minhas últimas cartas pedi que convidassem os Goldstein e somente os Goldstein.
- Gloria - Bem, bem... (FALANDO AO TELEFONE) Estejam tranquilos. DES
- Mr. Conway - Jonny, não te apresses com os convites. Deviamos ter dito logo que eles não podem vir aqui.
- Jonny - Que houve entre vocês, papai? Eram os melhores amigos.
- Mr. Conway - O que foi uma vez, já não é mais.
- Jonny - Mas que aconteceu?
- Mrs. Conway - Eu te peço, Edgard. Não desfaças a nossa alegria.
- Jonny - O que houve, papai?



- Mr. Conway - Mauricio Goldstein é judeu e os judeus, agora, não podem passar pela porta de minha casa.
- Jonny - Como? Que? Que dizes, papai? Não vais dizer que tu... que tu... agora... na velhice quase, ficaste anti-semita!
- Mrs. Conway - Não sei que loucura lhe atacou ultimamente. Desde que fez amizade com êsse senhor Brown e seus americanos cristãos...
- Gloria - Obrigada, mamãe, obrigada. Agora falaste com justiça.
- Mr. Conway - Sim, chama como queiras. Podes dizer que me tornei anti-semita. Mas eu não quero judeus em minha casa.
- Jonny - Mas por que? Quero saber a razão.
- Mr. Conway - Porque êles são inimigos do nosso País. Em suas mãos estão nossas industrias vitais e os bancos; porque desejam conquistar todo o mundo; porque são covardes e fogem do serviço militar.
- Milton - Perdão, Mr. Conway. O sr. pessoalmente, comprovou isso ou tudo quanto diz lhe entregaram preparado?
- Mr. Conway - Que quer dizer com isso de preparado? Mr. Brown não é nenhum mentiroso. Ele me deu muitos livros... Leu alguns para mim...
- Milton - Livros? Escritos por quem?
- Gloria - Creio que por ratos iguais a êsse Mr. Brown. Com êsses livros e panfletos envenenou grande parte de nosso povo.
- Mrs. Conway - Jonny querido, eu te peço, deixa para outro momento. Chegaste agora em casa, depois de três anos. Tu conheces teu pai. É teimoso como quê...! Eu te peço, amanhã. Depois de amanhã. Vamos ter tempo para conversar. Vais encontrar os Goldstein, contar o que desejas. Eu te peço meu filho. Faz-me êste X favor.
- Jonny - Mamãe querida, quando o fogo arde sob nossos pés, não podemos esperar para amanhã. É preciso apagar o fogo ou fugir.
- Mrs. Conway - Tu, velho tonto, estás vendo o que fizeste?
- Mr. Conway - Não é assunto teu. Ainda sou eu quem manda nesta casa.
- Jonny - (NO TELEFONE) Alô! É o sr. Mr. Goldstein? Como vai? Sim, sim, sou eu, Jonny. Cheguei com um amigo. Viemos de Nova York. Sim recém chegamos. Gostaria de ver a vocês todos. Como?... Se sei alguma coisa do Paul? Bem... que poderei lhe dizer? Certamente Washington já lhe informou de tudo. Por favor... Não deve chorar... todos lutamos por nosso país, todos nós... Dentro de meia hora estarei com Milton em sua casa... sim, dentro de 1/2 hora... talvez um pouco mais tarde. Bem, bem, acalme-se. Cumprimentos à sua esposa e a Nelly. (DESLIGA E DIRIGE-SE A MILTON) É uma pena, irmão, que tenhamos devolvido nosso fuzis. Acho

- que vão fazer falta aqui também...
- Milton - Tens razão. O mesmo inimigo, mais dissimulado, mas mais temível também.
Por favor, você guardou meu chapéu. Quer procurá-lo para mim? Lamento, mas tenho que deixar esta casa.
- Gloria - Deixar nossa casa? não entendo. Que quer dizer?
- Mrs. Conway - Que aconteceu Milton? Por que deve deixar nossa casa?
- Mr. Conway - Eu também quero saber proquê.
- Milton - Porque sou judeu Mr. Conway. Um judeu que não teria demenstrado a sua condição, se o seu anti-semitismo (ou o seu cristianismo, como queira) não se tivesse manifestado tão cruel e tão estupidamente.
Nasci neste país, Mr. Conway. Deixei meu posto de engenheiro e fui voluntariamente, junto a centenas de cristãos, judeus e muitos ateus também, combater por minha pátria e morrer, se necessário fôsse. Convenceram aos senhores de que os judeus são covardes, de que são culpados por todos os males do mundo...
Sinto sinceramente que no dia da chegada de Jonny, minha visita tenha de terminar assim...
- Jonny - Espera um minuto, Milton. É provável que os dois tenhamos que dormir na casa dos Goldstein. Senta um momento, tu, Gloria, tu, mamãe. A ti, pai, também peço que sentes por um momento. Quero lhes contar alguma coisa. Certamente não pensava falar nisso no dia do meu regresso. Mas parece que a vida aqui, como lá, é um campo de batalha. E ninguém sabe quando o inimigo vai atacar. Milton, quero que me acredites. Estou certo de que meu pai não é mau. No fundo é um homem honrado. Não teve educação e sofre um pouco do delírio de grandeza. Gosta de impor-se em todos os lados. Na casa, nos negócios. Sempre tem que mandar e sempre está com a razão.
- Mrs. Conway - Tens razão. Primeiro Deus, e depois éle, Mr. Edgard J. Conway.
- Gloria - E como Deus não fala, éle sempre tem razão.
- Mr. Conway - Obrigado, pelas amabilidades...
- Jonny - Eu mesmo, antes de ir para a guerra, era bem parecido com meu pai. Gostava de mandar. E era tão teimoso como éle. Três anos de quartel e campos de batalha me ensinaram duas coisas: auto-domínio e que as pessoas tôdas são simplesmente seres humanos. Todos se comportam da mesma forma, quando as situações são idénticas. Tanto frente a morte, como frente a outros graves problemas.
- Mrs. Conway - Oh!

Jonny

- Mais de uma vez, nos momentos de combate, vi os judeus e os cristãos paralizados pelo medo, esconder-se nas trincheiras, debaixo das pedras. E eu também, entre eles. Mas vi também essas mesmas pessoas levar os mais corajosos ataques, sob o fogo do inimigo, demonstrando um grande heroísmo. E eu também, entre eles. - Agora, vou lhes falar de um jovem judeu, que todos nós conhecíamos. - Tudo o que ficou de meu amigo de infância, de Paul Goldstein, foi a última carta para seus pais. Eu a tirei de seu bolso. Um pedaço de granada arrancou o seu ombro direito e parte de seu peito. Morreu entre os meus braços. Só tive tempo para me olhar e dizer: "Jonny... carta... mamãe..." E isso foi tudo. Nossa companhia tinha atacado as posições inimigas. Paul estava sempre na primeira fila. E antes disso, ele, o judeu, já havia conquistado uma medalha por heroísmo.

Mrs. Conway - Talvez, por hoje, seja suficiente, Jonny.

Jonny

- Deixa-me, mamãe. É necessário. Eramos 4 amigos íntimos. Nossas camas de campanha estavam juntas, desde o início. Eramos - eu, Paul, Milton e Tony, o filho do sapateiro, a quem deixamos no hospital em estado desesperador, com os pulmões aos pedaços. Sempre estávamos juntos. De noite, nas trincheiras, pés no barro, asfixiados de calor e humidade nos arrozais. Primeiro Tony foi ferido. Mais tarde Paul, Milton e eu.

Antes de regressar, nos despedimos do túmulo de Paul. Um monte de terra, uma estréla de David e sobre ela o capacete de Paul com uma fotografia de nós quatro. Milton e eu saímos, felizmente, bem. Eu, com a mão e ele com uma perna ferida. Permitam que lhes diga que meu corpo há muito estaria podre, se não fosse meu amigo judeu Milton Bauman.

Milton

- Jonny!

Jonny

- Deixa Milton, deixa. Num anoitecer, nosso pelotão recebeu ordem de desalojar uma patrulha inimiga de um cerco, desde o qual metralhavam nossa base. Atacamos o inimigo, mas eles eram em maior número do que pensávamos e chegou a ordem de retirar. Eu não podia cumprir essa ordem, porque estava caído inconsciente, ferido nas duas pernas e em um braço. Nosso pelotão retirou, levando junto os feridos. A mim, deixaram abandonado. Quando voltei ao estado consciente, era noite e eu estava sozinho, numa zona infestada de inimigos. Estava assustado como uma criança.

Mrs. Conway - Deus misericordioso!

- Jonny - Quando nosso pelotão retirava, Milton notou que eu falava. E apesar de estar ferido na perna, me procurou. Muito tempo andou pelo mato e no barro, arriscando sua vida a cada instante. Nunca esquecerei o momento em que senti sua mão sobre meu rosto e ouvi sua voz: "Jonny, eh boy, você está vivo?" Com tiras de sua camisa, vendou minhas feridas e de rastro fugimos para um refúgio. Foi uma noite terrível! Uma noite cheia de espanto, de dôr e sem uma gota d'água.
- Milton - De manhã, quase ao meio dia, estávamos meio mortos, quando avistamos soldados inimigos e pensamos que nos tinham descoberto. Começamos a disparar os fuzis e a atirar granadas a êsmo, quando os nossos, ouvindo o tiroteio, atacaram e dispersaram o inimigo. Mais tarde fomos recolhidos a um hospital.
- Jonny - E agora estamos aqui, os dois. Eu, somente com a mão ferida, e êle, Milton, ameaçado de perder a perna. Uma perna judia. Não achas, papai, que é um preço demasiado alto para que êle, Milton, e outros judeus como êle, possam passar pela porta de nossa casa?
- Mrs. Conway - Edgard J. Conway, que pensas fazer agora? Compreendes o que está acontecendo em tua casa? (PAUSA)
- Mr. Conway - (AO TELEFONE) - Alô! é o senhor Mr. Goldstein? Sim, humm. Falo eu. Mr. Conway... sim, sim, sou eu mesmo... Escute: o sr. sabe que Jonny já está em casa? Oficialmente não recebemos ninguém, mas Jonny quer... Quero dizer, nós queremos... Quero dizer, talvez o sr. pudesse vir, com sua esposa e Nelly. Sim, sim. Sim... hoje... digo hoje. Sim, agora, de imediato... É tão perto. Sim. Sim. Bem... o sr. sabe... os tempos mudam... Come? Então vêm? Bem, bem... Vamos esperar.
- Gloria - Oh, papai, querido papai, muito obrigada!
- Mrs. Conway - Fizeste bem, Edgard.
- Jonny - Tudo está bem agora, papai. Milton - não te disse que meu pai era um bom rapaz?
- Mr. Conway - Milton, acho que tens razão. Todos êsses problemas estão merecendo um estudo mais profundo. Temos que encontrar tempo livre para isso. E obrigado, muito obrigado, pelo que fizeste por Jonny.
- Milton - Não tem por que agradecer, Mr. Conway. Jonny faria o mesmo por mim.
- Mrs. Conway - E agora, todos à mesa. (TOCA UMA CAMPAINHA) Devem ser os Goldstein. Um momento Jonny. Vai ver, Edgard. Vai a termina o que tão bem começaste.

